

Clipping do Observatório Internacional (12/07/2018)

Andres Manuel López Obrador será o novo presidente mexicano, depois de uma vitória esmagadora (53% dos votos) sobre os velhos partidos do moribundo regime mexicano. A goleada de Obrador sobre seus adversários do PAN e do PRI foi tão grande que não houve margens para contestação. Confirmadas as sondagens de boca-de-urna, já no domingo (01/07) a multidão afluíu às ruas para saudar seu novo mandatário.

Em cima dessa euforia coletiva, pairam as incógnitas acerca do rumo que tomará López Obrador nos próximos meses. A coalizão liderada pelo Movimento de Renovação Nacional (Morena) assumirá o país em dezembro. Conciliará com as elites do país? Se sim em que medida e em quais condições? O narco-Estado permitirá que seu programa efetivado? Como será a relação de López Obrador com os EUA de Trump, personagem que tanto atacou nos meses de campanha?

A população mexicana deposita todas as suas esperanças nas promessas vocalizadas por Obrador durante os últimos anos. Nada menos que uma revolução democrática nas estruturas políticas do país (governando através de plebiscitos e combatendo os privilégios dos altos funcionários públicos) será tolerada. Além disso, espera-se a reversão das reformas neoliberais aprovadas pelo governo Peña Nieto (retomando o investimento público e estimulando os programas sociais).

Esta edição especial do Clipping do Observatório Internacional busca tratar destas questões.

Charles Rosa – Observatório Internacional

NOTÍCIAS E ARTIGOS DA IMPRENSA INTERNACIONAL

La Jornada (03/07): [“López Obrador ganhou em 31 estados; só](#)

[foi superado em Guanajuato](#)” (em espanhol)

“Con 93.5 % das atas contabilizadas da eleição presidencial, o Programa de Resultados Eleitorais Preliminares (PREP) confirmou a vitória de Andrés Manuel López Obrador, que levava 24 milhões 127 mil 451 sufrágios, equivalente a 52,9%. Somente em Guanajuato foi superado por Ricardo Anaya Cortés. O panista obteve 10 milhões 249 mil e 750 votos, ou seja, 22,5%, o que lhe conferiu o segundo lugar, muito distante dos 7 milhões 472 mil 750 votos que alcançou José Antonio Meade, equivalente a 16,4%. O candidato independente Jaime Rodríguez Calderón obteve 2 milhões 339 mil 431 sufrágios, ainda que em Nuevo León obteve 16% dos votos e com isso retirou o quarto lugar de Meade a quarta posição na entidade.”

NY Times (03/07): [“López Obrador ganha a presidência do México com uma vitória aplastante”](#) (em espanhol)

“Montado numa onda de descontentamento coletivo pela corrupção e a violência desenfreadas, Andrés Manuel López Obrador foi eleito presidente de México neste domingo (1 de julho) com uma vitória esmagadora, que dá um tombo ao sistema político dominante do país e lhe outorga um amplo mandato para reformar o país. A vitória de López Obrador leva a um líder de esquerda ao comando da segunda maior economia da América Latina pela primeira vez em décadas, uma possibilidade que encheu de esperança a milhões de mexicanos (e as elites do país, de temor). O resultado representado um rechaço evidente ao status quo da nação, que durante o último quarto de século se definiu por uma visão centralista e por uma adoção da globalização que muitos mexicanos sentem que não lhes serviu”.

NY Times (04/07): [“O que deve preocupar a esquerda de López Obrador?”](#), por Humberto Beck (em espanhol)

Habituada por décadas a ser a oposição política a partir dos

movimentos sociais, os partidos minoritários e a cultura, agora a esquerda deve se repensar como poder e terá que ser fiel a sua vocação crítica e vigilante, ainda que o novo governo tenha surgido de suas fileiras. Com AMLO na presidência, a esquerda deverá apontar falhas e limites do presidente e reclamar uma agenda mais inclusiva e democrática. Assim que, de que falamos quando falamos dos alcances as limitantes da esquerda de López Obrador? Em muitas ocasiões, tem se descrito AMLO como o integrante mais recente do ascenso de uma série de políticos autoritários (que inclui Vladimir Putin, Recep Tayyip Erdogan ou Donald Trump), mas na realidade faz parte de uma nova onda de líderes globais de esquerda (como Jeremy Corbyn, Bernie Sanders ou Pablo Iglesias), os que em seus respectivos países identificaram como a causa principal da corrupção e desigualdade à concentração dos recursos políticos e econômicos numa elite. Nesse sentido, o programa de López Obrador, sem dúvida, se situa na esquerda: favorece à democracia frente ao capitalismo.

The Guardian (03/07): [“Presidente eleito do México e Donald Trump compartilham ligação ‘respeitosa’”](#) (em inglês)

“Em entrevista à rede de notícias Televisa, López Obrador enfatizou a necessidade de respeito mútuo e cooperação entre os dois vizinhos. “Estamos conscientes da necessidade de manter boas relações com os Estados Unidos. Temos uma fronteira de mais de 3.000 quilômetros, mais de 12 milhões de mexicanos vivem nos Estados Unidos. É nosso principal parceiro econômico-comercial”, disse ele. “Nós não vamos brigar. Sempre vamos buscar um acordo ... Vamos estender nossa mão franca para buscar uma relação de amizade, repito, de cooperação com os Estados Unidos.” Trump foi igualmente diplomático, dizendo aos repórteres: “Eu acho que ele vai tentar nos ajudar com a fronteira. “Acho que o relacionamento

será muito bom”, disse o presidente dos EUA sobre o político mexicano, cujo juramento será em dezembro. “Nós conversamos sobre comércio, falamos sobre o Nafta, conversamos sobre um acordo separado, apenas o México e os Estados Unidos.””

El País (05/07): [“Empresários se somam à transição de López Obrador após sua esmagadora vitória”](#) (em português)

“Ninguém quer ficar de fora do novo ecossistema político mexicano; muito menos o setor empresarial. O futuro presidente do país, Andrés Manuel López Obrador, e o chefe da principal entidade patronal mexicana, Juan Pablo Castañón, encenaram nesta quarta-feira um novo clima de “entendimento e confiança” depois da esmagadora vitória do primeiro nas eleições de domingo passado. Após uma campanha eleitoral marcada por desencontros – embora matizados na reta final, quando a vitória do candidato do partido Morena já era inexorável –, ambas as partes enterraram nesta quarta-feira, em um encontro num hotel no centro da capital, a tocha de guerra que exibiram durante semanas. O evento terminou com uma entrevista coletiva conjunta marcada por sorrisos e palavras amáveis. As rixas ficaram definitivamente para trás. Ambas as partes têm consciência de que se necessitam mutuamente nesta nova etapa: López Obrador não pode realizar sua promessa de uma “quarta transformação” do México sem o setor produtivo, enquanto e o empresariado, sabedor de que quem se mexe não sai na foto, reconduziu às pressas sua relação com o futuro presidente. “Foi uma reunião muito cordial, muito boa, de coordenação para trabalhar conjuntamente”, salientou o futuro chefe de Estado e de Governo da segunda maior economia da América Latina. “Quero expressar minha satisfação com a atitude do setor empresarial e agradecê-los por sua atitude responsável e de confiança mútua.”

El País (04/07): “A revolução permanente mexicana”, por Javier

Moreno (em português)

“O resultado não poderia ser mais claro: mais de 50% dos votos em um país com um sistema eleitoral de turno único, que permite ser presidente da República com pouco mais de um terço dos votos válidos. Enrique Peña Nieto foi presidente com 38,5% dos votos. Felipe Calderón, com 35,91%. Os aproximadamente 30 milhões de votos que López Obrador recebeu no domingo (dez milhões a mais que Peña Nieto há seis anos) fazem dele, de longe, o presidente mais votado na história do México. Não há dúvida alguma de que esta enorme margem lhe confere um claro mandato democrático, embora ninguém pareça saber com exatidão em que ele consiste. Em não pouca medida porque o candidato buscou calculadamente a ambiguidade: ao seu próprio partido, o Morena, acrescentou as muletas de uma formação minoritária, mas ultraconservadora e abertamente evangélica; intranquilizou os empresários para depois, em um grande golpe de efeito, distender o ambiente e marcar um gol; muitos jovens viam com receio a sua agenda sobre direitos sociais, casamento homossexual e aborto. Entretanto, isso não os impediu, a julgar pelas cifras do domingo, de votar maciçamente em López Obrador, impondo assim um golpe definitivo ao regime do PRI e PAN, que se revezaram no poder nos últimos 30 anos. Isto vem ao caso pelo que parece ser outra das chaves subterrâneas do ocorrido no domingo, ou seja, o encerramento de um longo período histórico que começou com a eleição de Carlos Salinas de Gortari em 1988, que por sua vez deu lugar a uma sucessão de governos do PRI e do PAN que consolidaram um modelo econômico liberal, ortodoxo nas contas públicas e que procurou inserir o México na pista central da economia mundial.”

Le Monde (04/07): [“No México, a ‘insurreição eleitoral’ de AMLO”](#) (em francês)

Grand Slam eleitoral para Andrés Manuel López Obrador, que conquistou a presidência no México no domingo (1º de julho).

A coalizão liderada por seu partido de esquerda capturou a maior parte dos outros mandatos legislativos, regionais e municipais que estão em jogo: um tsunami dará liberdade para honrar suas promessas de “profunda transformação do país”. Esses plenos poderes despertam tanta esperança quanto os medos de um país dividido. O presidente eleito, apelidado de “AMLO”, quebrou vários recordes eleitorais. Ele ganhou com 53% dos votos. Nunca aconteceu isso desde a época da hegemonia do Partido Revolucionário Institucional (PRI) por setenta e um anos até 2000, antes de seu retorno ao poder em 2012.

DW (04/07): [“Vitória de López Obrador é um terremoto político para o México”](#), (em português)

O vencedor esquerdista fez um discurso presidencial com o qual acalmou empresários e prometeu combater a corrupção. AMLO disse querer entrar para a história como um “bom presidente”. Até aí, tudo exemplar. Mas o que sua vitória significa para um país afundado em problemas até o pescoço? O triunfo de López Obrador é mais uma derrota dos partidos tradicionais mexicanos do que uma vitória do socialismo. O governista Partido da Revolução Institucional (PRI) e os conservadores do Partido da Ação Nacional (PAN) receberam a conta pela guerra do narcotráfico, o lamaçal da corrupção e um modelo econômico liberal que não conseguiu acabar com os abismos sociais no interior da sociedade mexicana.

Al-Jazeera (03/07): [“Novo presidente mexicano oferece cortes na migração para os EUA”](#) (em inglês)

O presidente eleito do México, Andrés Manuel López Obrador, disse na segunda-feira que conversou com o presidente dos EUA, Donald Trump, por telefone, e se ofereceu para reduzir a migração para os Estados Unidos em troca de ajuda americana. “Recebi um telefonema de Donald Trump e conversamos por meia hora”, escreveu o esquerdista

esquerdista no Twitter, em uma de suas primeiras mensagens, depois de ganhar uma vitória esmagadora no domingo. “Eu propus a exploração de um acordo universal (envolvendo) projetos de desenvolvimento que criem empregos no México e, ao fazê-lo, reduzam a migração e melhorem a segurança”, acrescentou.

La Nación (02/07): [“López Obrador aposta forte e promete um referendo revogatório na metade de seu mandato”](#) (em espanhol)

O eventual plebiscito revogatório era uma das promessas de campanha ao eleitorado mexicano, oferecendo-lhe a possibilidade de revogar seu mandato, caso não avance na agenda das preocupações mais profundas dos mexicanos. Em seu ambicioso projeto de governo, que começará no próximo 1 de dezembro, pretende um resgate do campo, revisar milionários contratos derivados da reforma energética, uma gestão austera “sem luxos nem privilégios”, e reduzir os soldos de altos funcionários em até 50%. Tudo para aumentar programas sociais e reduzir a pobreza no México, que atinge a mais de 53 milhões na extrema pobreza”.

Washington Post (02/07): [“López Obrador, vencedor da eleição mexicana, com amplo mandato”](#), (em inglês)

Em outras questões, também, parece haver diferenças acentuadas entre a política dos EUA e os valores orientadores de López Obrador. O governo dos EUA fornece apoio crucial para a campanha militar mexicana contra os cartéis de drogas e, às vezes, despacha seus próprios agentes antidrogas em missões em todo o país. Não está claro como essas relações coincidem com o plano de segurança abrangente de López Obrador de colocar mais ênfase em programas sociais para manter os jovens longe dos cartéis, e menos foco nas campanhas militares – algo que ele apelidou de “abraços não

armados". López Obrador provavelmente terá forte apoio para suas políticas internas e externas. Na segunda-feira, quando os resultados das eleições chegaram, ficou claro que a festa de Morena estava a pouca distância da maioria das duas casas. Se ficar aquém, Morena poderia formar uma aliança para obter o mesmo resultado. A maioria no Congresso daria a López Obrador autoridade para aumentar o escopo do sistema de bem-estar social, uma promessa de campanha fundamental.

The Independent (02/07): "[A vitória de Andres Manuel Lopez Obrador no México pode ser um presente ou uma maldição para as relações com a América](#)" (em inglês)

Como uma espécie de contraparte latino de Jeremy Corbyn, que ele aparentemente conta como amigo e também como alma gêmea ideológica, Lopez Obrador tem a mesma intolerância de corrupção na vida pública e nos negócios. Como o Sr. Corbyn, ele é um asceta por natureza, e prometeu estabelecer um exemplo pessoal inicial ao vender o jato presidencial e desocupar o palácio presidencial. Ainda mais proveitosamente, López Obrador atuará em favor de um povo cansado da pequena corrupção, do abuso de poder pela polícia e do roubo em grande escala de ativos e dinheiro por parte de alguns dos principais empresários e do governo. Como inúmeros outros descobriram em todo o mundo, a corrupção é quase impossível de erradicar, mesmo em sociedades mais ricas do que o México, mas isso não significa que o Estado tenha que desistir ou conspirar com os gângsteres. Ele merece sua chance.

ARTIGOS E DEBATES DA ESQUERDA INTERNACIONAL

PSOL 50 (03/07): "Vitória de Obrador, o dia seguinte", por Israel Dutra (em português)

O governo será composto por um gabinete plural, como está

sendo chamado, com metade de participantes mulheres; o núcleo econômico ficara de Alfonso Romo (chefe de Gabinete) e Carlos Urzua (ministro da Fazenda). Romo é consultor de mercados financeiros e Urzua, que já foi secretário de finanças da gestão de AMLO na Cidade do México, tem bom trânsito com o mercado e com representantes de bancos. Por um lado AMLO libera uma energia enorme, a partir do tsunami de Morena, para que o movimento social possa exigir um programa de mudanças, através do cumprimento de plebiscitos e consultas para a revogação das medidas como as reformas e privatizações. Por outro lado, a pressão do mercado, das bolsas, sob o argumento da depreciação da moeda local vai exigir de sua equipe econômica, a manutenção do ajuste e da austeridade.

Portal da Esquerda em Movimento (03/07): “[Eleição histórica no México](#)”, por José Luis Hernandez Ayala (em português)

A diferença da esquerda ultra-esquerdista, que aposta a um logo desgaste do governo do AMLO por descumprir suas promessas de campanha e reverter as reformas neoliberais, existe a possibilidade de que seu governo sim impulsione uma série de reformas mínimas que podem melhorar, no imediato, a extrema pobreza de amplos setores da população, impulsionar o crescimento econômico e consolidar um novo tipo de regime. Para começar as medidas tem anunciado contra a corrupção e o esbanjamento (reduzir na metade dos salários dos altos funcionários públicos e erradicar todo tipo de privilégios, não roubar, vender a frota de aviões do governo e utilizar linhas aéreas comerciais, eliminar os milionários gastos de publicidade, revisar os contratos e concessões governamentais e castigar os maus manejos, cancelar as impopular e milionária pensão aos ex-presidentes, etc.), são pontos que está em condições de cumprir e que teriam um grande impacto na opinião pública.

Viento Sur (04/07): "[O neoliberalismo que continua com AML0](#)", por Javier Hernandez Alpizar (em espanhol)

"O PRI, o PAN e o PRD perderam as eleições, mas sua ideologia neoliberal está intacta e agora governará com as siglas de Morena; essa é uma das razões pelas quais não implantaram a fraude eleitoral contra Obrador. A fraude será para os que esperavam uma mudança verdadeira. E desde logo, é perfeitamente legítima a resistência de comunidades e organizações que se opõem ao despojo, a exploração, a repressão e o desprezo racista do capitalismo neoliberal e patriarcal, inclusive se agora significa opor-se a megaprojetos impulsionados por governos de Morena. E seguramente resistirão, ainda se isso implica enfrentar as calúnias e linchamentos midiáticos dos seguidores mais fanatizados de Obrador."

Rebellion (03/07): "[Primeiras impressões a quente sobre um triunfo histórico](#)", por Guillermo Almeyra (em espanhol)

AML0, como se previa, está sendo aceito pelos capitalistas como um mal menor, mas sua eleição será considerada por seus eleitores como um triunfo próprio, como um acesso não só ao governo mas também ao poder. Por isso os que votaram por López Obrador passarão dentro de pouco tempo a pedir-lhe, a exigir-lhe, medidas concretas contra seus exploradores. AML0 chamou de imediato à reconciliação, mas seus eleitores pedem medidas drásticas e imediatas contra os assassinos, os corruptos e ladrões, os donos de minas, os saqueadores, os que vendem o país. López Obrador, como novo Madero, quer assumir o Estado assim como está, mas os que o tornaram presidente lutam contra esse Estado culpado do crime de Ayotzinapa e cheio de Huertas potenciais.

Rebellion (03/07): "[Sobre o alcance histórico da eleição de Obrador](#)", por Massimo Modonesi (em espanhol)

Para além da transversalidade e a voluntária ambiguidade desta convocatória de campanha, todo processo político implica atender a espinhosa definição do sujeito que impulsiona e o que se beneficia da mudança. A fórmula obradorista, desde 2006, tem uma tinta plebeia e anti-oligárquica: se constrói sobre a relação líder-povo e a fórmula “somente o povo pode salvar o povo. Ao mesmo tempo, tanto Morena como a campanha foram construídos ao redor da centralidade e a direção inquestionável de AMLO, uma personalização que chegou ao extremo de chamar o ato de encerramento de campanha AMLOfest e de usar o acrônimo AMLO como uma marca ou uma hashtag (#AMLOmania).

Jacobin Magazine (04/07): “[O México de AMLO](#)”, por Edwin F. Ackerman (em inglês)

AMLO entretém a noção de um aparato estatal de classe neutra que pode servir como árbitro e regulador do conflito de classes. Para ele, o pecado do PRI é trair essa visão ao entregar o controle da economia ao setor privado, que preparou o cenário para a deslegitimação política do Estado. Assim, na atual conjuntura, regular o conflito de classes e reconstruir a autoridade do Estado requer o lançamento de uma agenda desenvolvimentista capitalista redistributiva: para o bem de todos, os pobres serão os primeiros. Aqui está a imensa promessa e limitações de sua presidência. Como será o equilíbrio de forças dentro de Morena nos próximos anos, é claro que ainda é uma questão em aberto. A visão da AMLO, um produto de sua trajetória, e o peso do mandato que lhe foi concedido, irá percorrer um longo caminho para manter essa coalizão de forças. Mas as tensões estão fadadas a emergir.

Jacobin Magazine (05/07): “A hora de AMLO chegou”, por Steve Ellner (em inglês)

Da mesma forma, AMLO escolheu Alfonso Durazo, que anteriormente serviu nos governos do PRI e do PAN, para

liderar a área de segurança dos cidadãos. Durante sua campanha, AMLO propôs anistiar aqueles que estavam fora da lei se eles prometessem evitar atividades criminosas futuras. Durazo recuou rapidamente nas declarações da AMLO, descartando a anistia geral por crimes violentos e assegurando ao público que as decisões-chave só seriam tomadas com base na aprovação do Congresso e em um debate nacional. Ele também apontou que um governo de AMLO honraria as obrigações internacionais do México com relação a crimes como sequestro. Finalmente, Durazo prometeu que todas as medidas nesse sentido envolveriam consultas a parentes de vítimas da violência das drogas. As qualificações de Durazo podem entrar em conflito com os esforços alternativos para reduzir o crime e a violência – AMLO expressou recentemente seu apoio à iniciativa de um bispo católico de negociar com chefões do narcotráfico em Guerrero a fim de reduzir a violência.

Esquerda.net (02/07): [“O México entre a renovação, o crime e o FMI”](#), por Francisco Louçã (em português)

O caderno de encargos é gigantesco. O México é um dos países mais desiguais da OCDE (os 10% mais ricos recebem 36% do rendimento nacional, os 10% mais pobres ficam com 1,8%). A agricultura familiar foi destruída, mais de cinco milhões de camponeses foram arruinados pelas importações de cereais subsidiados dos Estados Unidos. E a subida de juros no vizinho do Norte leva a uma fuga de capitais, o que enfraquece a relação cambial e a capacidade produtiva do México. Finalmente, o FMI pressiona para uma “consolidação orçamental”, que já sabemos o que significa: num país com tanta pobreza, reduzir as despesas orçamentais com os escassos serviços sociais pode parecer bem nas estatísticas em Washington, mas condena muitas pessoas à miséria.

The Next Recession (02/07): [“México: violência, corrupção e](#)

[desigualdade – AML0 para o resgate?](#)“, por Michael Roberts (em inglês)

“O programa de AML0 é fundamentalmente keynesiano, usando o investimento público para “estimular a bomba” do investimento privado e reivindicando que o dinheiro economizado pela redução da corrupção proporcionará o financiamento. Mas ele não está disposto a reverter a privatização parcial da PEMEX, a companhia petrolífera estatal, ou a acabar com o novo aeroporto de “Cidade do México” proposto – apenas para considerar “rever os contratos”. Mas como AML0 pode reverter a corrupção, a desigualdade e a violência sem controle dos bancos (principalmente estrangeiros), renacionalização da PEMEX e assumir as principais operações multinacionais dentro do México? Donald Trump parabenizou AML0 por sua vitória. Mas o vizinho do norte do México agora está sendo governado por uma tendência nacionalista e imperialista de lançar uma guerra comercial com toda a gente. O México está bem na linha de frente desse turbilhão, com uma economia capitalista que está lutando contra a pobreza, a corrupção e a violência. No entanto, com uma população enorme e jovem, recursos de petróleo e gás e indústrias modernas em partes, o México está em uma posição muito melhor para ter sucesso do que a Venezuela e Cuba. AML0 assume a presidência daqui cinco meses (dezembro). Ele tem grandes desafios pela frente.